VIAJANTES EM PERNAMBUCO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: KOSTER, TOLLENARE, MARIA GRAHAM, VAUTHIER

Severino Barbosa da Silva[1]

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar aspectos e discussões comentadas por viajantes que passaram, e viveram como também caminharam no Brasil especificamente na província pernambucana na primeira metade do século XIX. O olhar para civilização que acabara de sair da colônia para um período imperial, homens e mulheres livres e escravizados, política, sociedade e economia na visão de Koster, Tollenare, Maria Graham e Vauthier, o que esses sujeitos tinham em mente analisando os seus diários que podemos comentar nas expressões dos seus sentimentos como também nas suas emoções e observações muito interessantes estudadas e pesquisadas em diversas historiografias dentro das fundamentações da Escrita de si, bem como Michel de Certeau a invenção do cotidiano e Marc Bloch.

PALAVRAS-CHAVE: Viajantes, Diários, Província Pernambucana.

INRODUÇÃO

O Brasil passou por muitas transformações, na primeira metade do século XIX e dentre alguns acontecimentos que foram cruciais, podemos destacar um principal fato que desencadeou tais mudanças foi a chegada da família real em 1808. Posteriormente num pequeno interstício de tempo, o Brasil passou de colônia a Reino Unido de Portugal em 1815 e em 1822 a independência do Brasil.

Entretanto, a autoridade da família real não era aceita pacificamente por todos na Província Pernambucana, isto pode ser constatado porque vários movimentos surgiram que marcaram a história de lutas contra a este poder. Segundo Jacqueline Hermann (2007) em 1817, a autoridade real tinha sido desafiada pelos patriotas pernambucanos e também por militares que foram liderados por Gomes Freire Andrade em Portugal.

[1] Severino Barbosa da Silva mestrando em História Profissional da UNICAP- Especialização Ensino da História do Brasil- FUNESO-UNESF – Graduação em História – FUNESO-UNESF.

Outros momentos de rebeldia ocorrido nessa Província, no qual o historiador Marcos Carvalho (1989) destaca, são os problemas políticos nos períodos correspondente entre 1831 e 1835, e também entre 1848 e 1850. Além desses momentos de obstáculos ocorridos o autor menciona ainda "a Setembrizada, Novembrada, a Cabanada após 1831: e Praieira, a revolta de Pedro Ivo e o Ronco do Marimbondo entre 1848 e 1851" (CARVALHO, 1989, p.44)

Cabe ressaltar que com a "vinda dos Bragança e da corte portuguesa para o Brasil, o interesse dos estrangeiros pelos trópicos viu-se aumentado e estimulado, do que dão exemplos os vários relatos de viajantes europeus da época" (HERMANN, 2007, p.135). E por conseguinte, estimulou o desembarque no Brasil de alguns viajantes nos quais destacamos, por ordem cronológica da chegada, Henry Koster que chegou em 1809; Tollenare que é registrada a sua passagem em três momentos 1816, 1817, 1818; Maria Grahan em 1821 e Vauthier entre 1840 a 1846.

Esses viajantes em épocas diferentes e momentos diferentes estiveram no Brasil no qual o cenário político e social retratavam um momento específico, deixando tudo registrado em diários**.** Quando fazemos a correspondência do ano de chegada com o cenário ocorrido no Brasil e especificamente na Província de Pernambuco, podemos constar que o primeiro viajante chegou ao Brasil um ano após a chegada da vinda da família real.

Já o segundo viajante chegou no momento que antecedeu a Revolução de 1817[2], continuando sua permanência justamente o momento que implodiu a revolução em Pernambuco. O penúltimo viajante também esteve em terras brasileiras momentos importantes que foram vivenciados até chegar justamente na Proclamação da República. E finalmente o último viajante que destacamos, chegou em um período também conturbado, no qual

[2] Segundo Luciana Scanapieco (2017) essa revolução de1817 que eclodiu na Capitania de Pernambuco foi um dos mais importantes movimentos revolucionários que fora realizado no período colonial brasileiro. Tinha o objetivo emancipacionista, e dentre as causas de tal movimento podemos destacar a crise econômica que repercutia diretamente no comércio, bem como a forte seca pelo qual passava a região. Além disso havia a questão das despesas e exageros da Corte recém-chegada ao Rio de Janeiro, obrigando o Governo de Pernambuco a pagar altíssimos impostos para bancar tais custos. O movimento foi influenciado pelas ideias iluministas, que eram disseminadas principalmente pela maçonaria e também pelo Seminário de Olinda. Essa revolução conseguiu tomar o poder, estabelecendo um Governo Provisório e buscou poio junto a outras províncias. Entretanto, chegou ao fim, depois de aproximadamente 75 dias, pois enfrentaram dura repressão. Mesmo assim, pode demostrar o enfraquecimento do sistema colonial, mais tarde ocorreram outros movimentos, culminando na Proclamação da Independência, em 1822.

Pernambuco tinha saído de um período chamado Cabanada e Praieira e entrando revolta de Pedro Ivo e o Ronco do Marimbondo entre 1848 e 1851.

Por isso tais relatos nos seus diários são fontes de referências para muitos pesquisadores e historiadores porque retratam o olhar desses viajantes em períodos em que o Brasil passou por grandes transformações e mudanças já que o impacto do período colonial e chegada de muitos estrangeiros oriundos do continente europeu favorece esses comportamento no então período imperial Brasileiro contribuindo de maneira significante nas observações dos diários desses viajantes .

Ao ler o diário desses viajantes percebemos a importância do que eles deixaram escrito o que ninguém pode mudar mas pode ser enriquecido com pesquisas a respeito disso, e ao relacionamos com o Historiador Marc Bloch esse escritor faz o seguinte comentário, "O passado, é, por definição um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em o progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa". (Bloch, p.75)

As colocações dos viajantes é relatada principalmente por conta de suas viagem, a respeito dessa abordagem Michel de Certeau comenta: Todo relato é um relato de viagem, uma pratica do espaço a este titulo, tem a ver com as práticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial, esboço de um relato cuja sequência é escrita pelos passos, até ao noticiário de cada dia, ainda Certeau diz que as histórias contadas, são lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos (Certeau,1990, p.200).

QUEM SÃO ESSES VIAJANTES?

Dentre os quatro viajantes que apontamos, como enfatizamos todos os quatro relatavam os acontecimentos, observavam o cotidiano, aspectos sociais, e fatos que não passavam despercebido. Mas quem eram esses viajantes? Qual o motivo que deixaram seus países para vir para o Brasil, e em destaque para Província de Pernambuco?

Henry Koster (1784-1820) Filho do comerciante inglês de Liverpool, John Theodore, nasceu em Lisboa Portugal, não se sabe a data do seu nascimento, mas chega ao Recife no dia 07 setembro de 1809 comenta que estivessem 25 anos apenas. Viajou

para o Brasil, para curar uma tuberculose por causa do clima tropical. Considerado um dos mais importantes cronistas. Fez muita amizade no Recife, conhecendo muita gente, políticos, comerciantes, senhores de engenho e coronéis. Algumas pessoas duvidavam de sua nacionalidade, pois falava fluentemente o português (CARVALHO, 2015).

Em 1810, sentiu-se melhor da doença que o acometia, viajando a cavalo para Paraíba e Fortaleza. Depois volta ao Recife no início de fevereiro 1811, viaja para o Maranhão e regressa à Inglaterra. Torna-se agricultor e senhor de engenho, arrenda um engenho em Itamaracá de nome Jaguaribe. Após voltar ao Recife tornando–se grande observador, pois tudo anotava com detalhes em suas viagens costumes. Conhecia o povo, brasileiro se relacionava com várias classes sociais (CARVALHO, 2015).

Pode observar na sua passagem no Brasil detalhes dos acontecimentos tantos do cotidiano como os que entraram para história e isto deixou registrado em "*O Livro Viagens ao Nordeste do Brasil*' que está dividido em dois volumes. O primeiro refere-se às viagens realizadas ao Recife, que eram conhecidas como capitanias do Norte estando inclusa a capitania do Piauí.

Também destacamos a passagem de num período posterior a presença do viajante L.F. Tollenare (1780-1853). Esse viajante e, nasceu em Nantes na França em 1780 e morre na mesma cidade francesa em 1853. Viajante francês esteve no Brasil durante 3 anos consecutivos 1816,1817 e 1818 escreveu em seu diário observações de muita relevância para construção dos estudos históricos do sec. XIX. O livro intitulado como "Notas dominicais", pois foi escrito semanalmente no dia de descanso, conforme informação trazida no prefácio do livro.

Maria Graham (1785 – 1842) nasceu em Papcastle, na Inglaterra, e faleceu Kensingto Gravel Pits, Inglaterra Filha do Almirante George Duntas. Ela desde muito nova se interessou por plantas e animais. Antes do sec. XX era rara a presença de mulheres, descrevendo a paisagem e a flora brasileira. Veio para América do Sul em 1821, na ocasião visitou Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Foi hospede, por alguns dias do Governador Luiz do Rêgo Barreto (PEIXOTO; FILGUEIRAS, 2008).

Esteve no Brasil por três ocasiões sendo em 1821, 1822 e 1823, no qual neste último ano de viajem assume o papel de preceptora da Princesa dona Maria da Glória (1819-1853), filha mais nova de Dom Pedro I (1798- 1834). E no ano posterior publica um diário contendo sua percepção sobre o Brasil chamado "*Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Years 1821, 1822, 1823*."[3]

Louis-Léger Vauthier (1815-1901) Estudou na Escola Polytechnique e Ecole des Ponts et Chausses, formando-se aos 23 anos. Aos 25 anos chega ao Brasil a convite do Presidente da Província Francisco Rego Barros. Permaneceu no Recife entre os anos de 1840 a 1846. Na sua passagem por Pernambuco manteve uma rede de relações sociais e também política.

Durante a passagem por Pernambuco, esse viajante assim como os outros registrou seu cotidiano em um diário, evidenciava os aspectos das paisagens e os contrastes sociais, que divergiam da terra natal como o cotidiano dos escravizados que este viajante relatou em seu Diário na sua estadia na província Pernambucana. Entretanto, seu diário diferente dos outros não foi publicado por ele, sendo apenas posteriormente desengavetado ,como o diário estava escrito em francês foi traduzido e editado pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre. Assim, deste modo em cada época esses viajantes foram importantes para retratar os acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XIX.

Relacionando essa obra dentro de uma contextualização na perspectiva de uma escrita sobre se mesmo faremos uma articulação com Angela de Castro Gomes pois é muito salutar os viajantes ao escreverem seu diário expressando seus sentimentos e suas emoções, a própria viajem já é emotiva ao ponto de deixar sempre saudades e ao chegar em terras desconhecidas tudo que se apresenta em seu caminho é motivo de chamar sua atenção onde na maioria das vezes vai para as páginas de seu diário, a respeito desse contexto temos:

[3] Para maior aprofundamento sobre a bibliografia de Maria Grahan estes dados e outras informações ver Enciclopédia Itaú Cultural (2019).

> A escrita de se que estabelece uma relação de domínio do tempo que estar determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que provoca. Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo constitui-se em "lugar de memoria" cabe observar que certas circunstancias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa pratica nesse caso são os textos, os que chamamos de Diários, memórias ou cartas que é especifico para história de uma vida, exatamente ocorre com as viagens que podemos relacionar os viajantes onde viveram varias experiência dentro de um certo período importante deixando registrado como memória em seus diários (GOMES, 2004, p.18).

OS VIAJANTES E O OLHAR PARA OS ESCRAVIZADOS

Na primeira metade no sec. XIX os movimentos de escravizados eram constantes na província pernambucana, numa sociedade escravocrata onde a maioria da população era composta de escravos, principal a mão de obra desse período, como também de todo período colonial onde tínhamos diferentes funções mais a maioria dos escravizados trabalhavam no cultivo da cana de açúcar e algodão ainda sim existiam escravos de ganho que trabalhavam em alguma especialidade como a de canoeiro, pedreiro, carpinteiro entre outros.

Olhando para a população que chegava traficada da África para o Brasil no sec. XIX, os viajantes tinham varias concepções, entretanto vamos analisar o seus olhares para os escravizados porque em meio a uma época tão agitada de acontecimentos muito marcante para nossa história a contribuição desse aventureiro que viam numa maneira de preencher seu tempo, escrevia, se tratando o mundo que estava ao seu redor de uma forma bem minuciosa servindo para nossa atualidade.

Contávamos com uma sociedade onde os menos favorecidos a população negra não tinha acesso a educação, sem conhecimento nenhum, entretanto os viajantes que tinham suas formações sabendo ler e escrever aliado ao tempo de sobra para relatar suas viajem. Vamos nos reportar ao séc. XIX andando pelas ruas do Recife vendo de perto as atrocidades cometidas pelos homens, senhores de engenho, com seus escravizados, escrevendo o que via teríamos hoje uma historiografia rica sobre a realidade da vida intima de muito homem escravo, analfabeto e pobre numa terra distante que não falava a mesma língua isso gerava mais sofrimento e dificuldades, e

tendo que esquecer toda sua origem para se submeter ao trabalho escravo em péssimas condições de vida sendo tratado como um animal. Partindo dessa concepção as anotações em um diário foi ,mesmo sem saber, uma contribuição de muita relevância histórica

Henry Koster entre os viajantes dessa obra é cronologicamente um dos primeiros a pisar em solos Pernambucano na primeira metade do séc. XIX, como filho de ingleses esse Francês chega muito jovem entretanto em conformidade com câmara cascudo Henry Koster consegue em seu Diário fazer "o primeiro depoimento, cronologicamente, sobre a psicologia, a etnografia tradicional do povo nordestino, o sertanejo no seu cenário". E, ainda conforme Câmara Cascudo, "em superfície e profundeza para a época, ninguém fixou a sociedade pernambucana, a sociedade dos fazendeiros do Nordeste, a psicologia do senhor de engenho, o mundo escravo, como Koster".

Comentando sobre o segundo viajante ,que era muito observador, quando escreveu seu diário, editado e chamado posteriormente de "Notas dominicais" o viajante Louis-François de Tollenare, francês, Como já foi comentado viveu no Recife em 1816, 1817 e 1818. O volume que produziu, com suas observações sobre o Brasil, foi traduzido por Alfredo de Carvalho e publicado, em parte, pela Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Dele disse Oliveira Lima que se constituía numa "das mais interessantes achegas para o conhecimento que se vai formando vivo e luminoso de um período ao qual nenhum outro da historia é superior em animação e importância".

Tollenare escreveu sobre plantas e animais, sobre cultura da cana, os processos da preparação do açúcar, o rendimento das terras, sobre os hábitos dos trabalhadores e escravos. Suas cenas de escravidão, segundo Oliveira Lima(1867-1928) "emprestam aos quadros tons sombrios de miséria e castigo e tons tocantes de afeto e comiseração sobre um fundo de sujeição tradicional que não era contudo posto em realce pelo absoluto desprezo originado na diferença de raça ou de cor". Ainda sore este aspecto podemos dizer que a miséria que vivia o povo negro é muito bem retratado pelo historiador Oliveira lima

Sobre o olhar de Tollenare podemos afirmar através de suas Notas Dominicais que viu as embarcações de navios negreiros chegarem no porto do Recife o viajante escreveu ; Domingo ,16 de novembro de 1817.-Deede que estou no em Pernambuco tenho visto chegar um grande número de navios negreiros da costa d' África e de Moçambique. Com muito detalhe esse viajante narra toda a capacidade do navios .

A viajante Maria Graham além de se interessar por plantas, gostava das questões escravistas ,procurava entender os dados dos navios negreiros assim como Tollenare, Graham visitava os portos Brasileiro e os mercados retratando o cotidiano dos escravizados na chegada dos navios. Tollenare no Recife em 1817 escreve com detalhes sobre as embarcações carregadas de escravizados vinda da África das regiões de Angola e Moçambique; Vi um pequeno navio, de 1150 toneladas, vir de angola com 340 escravos. As embarcações de 200 a 250 toneladas trazem de 400 a 500, mesmo vindo de Moçambique.

Nesse cenário os viajantes lançando seus olhares de uma forma muitas vezes abolicionista e às vezes escravocrata. No entanto abolicionista porque muitas vezes criticam o mundo escravizado em suas observações como podemos ver o viajante e engenheiro Luís Léger Vauthier que ao ver um corpo de escravizado morto boiando nas aguas do Capibaribe no dia 02 de outubro de 1840 o viajante narrou em seu diário o seguinte:

> Hoje um cadáver de negro ficou boiando na praia, debaixo de nossas janelas, virando e revirando pelo vaivém das marés. Passaram mil pessoas, que o viram pararam um instante e depois continuaram seu caminho muito filosoficamente. Partilho pouco das ideias o geralmente aceitas sobre os cadáveres, que tenderiam, em certos casos, a conceder mais importância aos despojos inertes do que ao próprio ser vivo (VAUHIER, 1840 apud PONCIONE, 2010, p.102).

Mas essa discutida, indiferença geral em presença da morte partindo desse víeis na visão do engenheiro Vauthier a sociedade pernambucana diante de um cadáver passa a ver uma coisa, um animal que não tinha valor nenhum em vida imagine sem ela,

aquilo passava a ser um lixo como outro qualquer algo dificilmente não visto em seu pais, já que a sociedade francesa tinha em seus pensamentos os ideais da Revolução que aconteceu em 1789 e o engenheiro nasce 26 anos após esses ideais revolucionário. A formação oriunda do Engenheiro Vauthier valorizando uma sociedade humanitária favorecendo a visão para discriminação ao tratamento desumano com os escravizados em contra partida todo sua estadia em Pernambuco trabalhou construindo obras para traficantes de escravizados.

Simples fato de ver os escravizados de perto, pelos bastidores dos acontecimentos fazendo descrição com muito detalhe, tornou-se muito comum para construirmos produções acadêmicas com mais veracidades dos acontecimentos da época estudada. ao consultar diários de viajantes nessas obras , podemos analisar a linha de pensamento de cada viajante. Fazendo uma ponte entre o olhar de Vauthier e Tollenare é característico as observações lamentáveis das expressões de Tollenare em que o mesmo escreveu "senhores que enviaram a ter com eles um negro folgazão e jovial para os excitar a cantar e mesmo a dançar. Já disse que este espetáculo lastimoso raramente aparentava cenas de dor ou de desespero. Estes desgraçados serão insensíveis ou simularão sê-lo?" (TOLLENARE, 1905, p.139)

Ainda sobre o olhar para os escravizados Tollenare escreve em seu Diário um resumo sobre o desembarque de escravizados no Recife como conta em suas "Notas Dominicais":

> Os negros são desembarcados, por chalupas, em Santo Amaro, mas vêm quase logo depois , por terra, para a cidade. São expostos à venda nas ruas do Recife diante das casas dos seus senhores. Vêem-se ali 400 a 500 juntos, acocorados sobre tábuas; empestam o bairro todo, tanto quanto repugnam a vista pelas pústulas e outras moléstias de pele de que um grande número está afetado; estão sortidos nestes mercados por lotes de homens, mulheres, moleques e molecas. (TOLLENARE, 1817, p.139)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho nos remete a uma reflexão com varias possibilidades de pensar sobre a história de viajantes no que se diz respeito a uma época em que não existia

maneiras nem tão pouco, condições de guardar documentações para que mesmo no seu presente esses viajantes não sabiam que estavam deixando um precioso acervo, vestígio de uma sociedade com poucos letrados mas, entretanto tínhamos pessoas, que horas de sua vida atribuía como lazer instrumentos de muita importância como tinta e papel escrevendo e retratando momentos de grande importância para que hoje possamos estudar, apreciar e interpretar contextualizando suas valiosas observações.

Compreendemos também que cada viajante tem uma parcela de contribuição diferenciada do outro, como podemos analisar de acordo com a época e o momento em que estar sendo vivenciado e o que presenciaram, também um dos fatores primordiais são suas especialidades, comerciante, senhor de engenho, engenheiro, especialidades em estudos de Botânica, todavia retratando a natureza era sem dúvida algo muito comum pois o domínio das matas virgem o verde era predominante e sem duvidas encantador o viajante Luís Lèger Vauthier(1815-1901) o último viajante da nossa relação como já sabemos chega quase duas décadas e meia depois em 1840 e em vários momentos de seu diário exalta a natureza discriminando com detalhes os aspectos da paisagem ao caminhar em vários lugares nos arrebaldes do recife e de Olinda.

. Toda narrativa da chegada em Pernambuco era feita pelos viajantes ao se deslumbrarem com o litoral da província, que temos como exemplo a estreita faixa de terra tanto comentada por eles ao avistarem as duas cidades em suas embarcações.

Escrever sobre esses viajantes é nos remeter a uma responsabilidade de várias possibilidades em fazer suas interpretações, pois diários são algo muito pessoal e deve ser bem questionado, e seus escritores tinham diferentes maneiras de comentar seus momentos, precisamos saborear bem seus escritos, tendo em vista que entender o momento social, as conjunturas políticas o olhar para a sociedade, é preciso entender vários aspectos do momento de suas narrativas, procurando leituras de outros periódicos que servem para facilitar a compreensão da época.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história**. 2001. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA. 1964

CARVALHO, Marcos J. M. de. **Estimativa do tráfico ilegal de escravos para Pernambuco, na primeira metade do Século XIX**. Clio- Revista de Pesquisa Histórica, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 12, n. 1 jan./ dez., 1989, p.43-54., e- ISSN 2525-5649, ISSN 0102-4736.

CARVALHO, Mary Lucia Alves de. **Os comerciantes cronistas: Henry Koster; Louis François de Tollenare no Piauí do início do século XIX.** CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 1, fev. 2015, p.130-142.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Prefácio**. In: KOSTER, Henry. Op. cit., edição 2002, nota II, p. 41

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano, Artes de Fazer** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.

ENCICLOPEDIA, Itaú cultural. **Maria Graham**. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6024/maria-graham >. Acesso em: 18 out. 2020.

GOMES, Angela de Castro. **A escrita de si, escrita da história.** 2004. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HERMANN, Jacqueline **O rei da América: notas sobre a aclamação tardia de d. João VI no Brasil**. Topoi, v. 8, n. 15, jul.- dez. 2007, p. 124-158.

PEIXOTO, Ariane Luna Peixoto; FILGUEIRAS, Tarciso de Sousa. **Maria Graham: anotações sobre a flora do Brasil**. Acta bot. bras. 22(4): 992-998. 2008.

PONCIONE – **Pontes e Ideias: Louis-léger Vauthier, engenheiro francês fourenista no Brasil**/texto e tradução francês- português Cládia Pocione; colaboradores Guilherme Saquer e Georges Orsoni.- Recife: Cepe,2010.

SCANAPIECO, Luciana. Mais uma história não contada. In. BRASIL, Câmara do Deputados. **Série Histórias não contadas 4**. Disponível em: < https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/avante-patriotas >.Acesso em: 22 nov.2020.

TOLLENARE, L. F. de. **Notas Dominicais**: Tomadas durante uma Viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817, e 1818. Salvador: Progresso, 1956.